

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar as representações construídas sobre a sociedade que se forma a partir da chegada de imigrantes na cidade de Palmeira - interior do Paraná - entre o início e meados do século XX. Essas representações podem ser percebidas através de cartas, publicações locais, atas e memórias. Após um breve estudo sobre a formação da cidade e seu povoamento, é pensada a forma com que os diferentes grupos se organizaram na sociedade local, os confrontos entre moradores e os recém-chegados e as estratégias usadas para manter ou tencionar as relações de poder que se estabeleciam.

Projeto de Pesquisa: **A VALSA DAS REPRESENTAÇÕES: A ELITE, O POVO E O IMIGRANTE. UMA LEITURA SOBRE A IMIGRAÇÃO EUROPEIA E A SOCIEDADE DE PALMEIRA/PR, NO INÍCIO DO SÉCULO XX**

Danile Visnieski ¹
Rosângela Wosiak Zulian ²

INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira é fruto da miscigenação de diferentes povos e culturas. A presença do imigrante no território brasileiro, pensada de forma contraditória em diferentes períodos, auxiliou na formação deste país, alterando e formando suas bases históricas e culturais.

A política migratória surgiu como uma forma de incentivar o desenvolvimento econômico do país. Esses imigrantes viriam para ocupar as terras ociosas e fronteiriças. A partir de 1808, com a vinda da família real, houve a autorização de Dom João VI para que estrangeiros ocupassem terras para a agricultura. No período monárquico (1822 - 1889), a imagem do imigrante, de um modo geral, foi positivamente construída. Além de ocupar certas áreas (as quais contavam com a presença do indígena), supriam a mão de obra necessária no cultivo do café, e ainda auxiliavam na política de branqueamento da população.

Após a Proclamação da República, o imigrante continuou a ser valorizado como força de trabalho. Contudo, já na transição do século XIX para o século XX, os imigrantes passaram a ser pensados como um problema. Com o fortalecimento do sentimento nacional e sua consequente defesa o imigrante, que apresentava certo isolamento cultural e social, passou a ser visto como uma ameaça interna. A autonomia da nação brasileira estaria em risco se os valores estrangeiros fossem mantidos.

Os imigrantes que se direcionaram para o Brasil, buscavam melhores condições de vida e acreditavam que no novo país isso seria possível, que receberiam terras para cultivar, criando grande expectativa sobre o país de destino. Ao chegar, foram encaminhados para vários locais. Nos três estados do Sul, a intenção era a de colonização, assim foram se formando diversas colônias de imigrantes.

Na cidade de Palmeira, interior do Paraná, não foi diferente, o

1 Mestranda em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Licenciada em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2006) e em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2012). Especialista em História, Arte e Cultura pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2008) Email: danile.visnieski@gmail.com

2 Orientadora. Doutora em História pela UFSC. Professora do Depto. de História e Programa de Pós-Graduação de Mestrado em História – UEPG.

núcleo urbano estava em formação, e em seus arredores foram se constituindo colônias francesas, alemãs, russo-alemãs, polonesas, entre outras. Muitos dos indivíduos que se instalaram nessas colônias passaram a frequentar o núcleo urbano, inclusive fixando-se nele. E apesar do discurso receptivo, ao analisar as fontes, é possível perceber nas entrelinhas, que essa relação não foi tão pacífica, e que muitos conflitos surgiram a partir do choque de culturas, não apenas no afastamento do europeu que tinha intenção de preservar sua cultura, mas na relação entre recém-chegados e antigos moradores (nos termos de Norbert Elias, estabelecidos e *outsiders*). Estes, apesar de apresentarem um discurso de igualdade, mostravam de maneira velada em suas práticas discursivas as distinções que faziam entre si e o outro.

Objetivos

O objetivo central do trabalho é analisar como se reorganizou sócio-culturalmente a cidade de Palmeira após a chegada do imigrante europeu, observando os diferentes discursos produzidos sobre este imigrante, que ora é visto como impulsionador do progresso na cidade e aclamado por isso, ora como personagem marginal, e assim excluído.

Embora o imigrante seja elemento privilegiado neste trabalho, ele não é o único elemento presente nesta sociedade e para bem conduzir esta análise, pensaremos os diferentes sujeitos que a compõem (os antigos moradores, tanto das elites, quanto populares, em suas diferentes organizações). As complexas relações que se descortinam a partir da análise das fontes levam a perceber que de maneira ora velada, ora explícita, há a formação de grupos que ao mesmo tempo são opostos e interdependentes, grupos estes que pretendemos analisar com o intuito de formar um panorama geral da cidade.

Metodologia

Para atingir os objetivos citados, tomaremos por base a perspectiva da micro-história, a análise que propomos realizar será como um *zoom* em uma fotografia, pois, mesmo levando em consideração o todo, focaremos em um evento específico, observando um pequeno espaço ampliado. Através desta perspectiva buscaremos pensar indivíduos que em outros enfoques não ganhariam atenção: o agente marginal, seus conflitos e configurações sócio-culturais. Nesse caso, o imigrante recém-chegado ao município de Palmeira, interior do Paraná, e seus “anfitriões”, aqueles que já residiam na cidade quando estes chegaram. A forma que estes dois grupos interagiram e conviveram, suas representações com relação ao outro grupo. Giovanni Levi (1992) irá nos auxiliar na utilização desse método, observando que “a micro-história como uma prática é essencialmente baseada na redução da escala da observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental.” Observando ainda que “o princípio unificador de toda pesquisa micro-histórica é a crença em que a observação microscópica revelará fatores previamente não observados” numa abordagem tradicional. Também nos valeremos da experiência de Carlo Ginzburg (1986), tido por muitos como sinônimo da micro-história, que em seu livro *O queijo e os vermes* discorre sobre um moleiro condenado como herege pela inquisição no século XVI, nessa obra Ginzburg abandona o conceito de mentalidade e adota o de cultura, entendendo-a como “o conjunto de atitudes, crenças, códigos de comportamento próprios das classes subalternas num certo período histórico”.

Ao realizar uma análise micro-histórica, não podemos desconsiderar o contexto, o “macro”. Para pensar a necessária variação de escalas de análise, o livro de Jacques Re-

vel, *Jogos de Escalas* nos auxiliará. Para Revel a estrutura folheada do social encontra na variação das escalas um recurso fecundo que permite que se construam objetos complexos compatíveis com a descontinuidade dos patamares em que se protagoniza a vida social. Buscando combinar um olhar geral com outro mais próximo, levando a ampliação das possibilidades da pesquisa, suscitando novas hipóteses, tal olhar permitirá o adensamento da pretendida análise.

Flávio M. Heinz (2006) em seu livro *Por outra história das elites*, nos convida a repensar a noção de elite, não como heroica ou centro de atividades excepcionais, mas como uma percepção social que os diferentes atores têm acerca das condições desiguais dadas aos indivíduos no desempenho de seus papéis sociais e políticos. A prosopografia, ou método das biografias coletivas, como afirma Heinz, pode ser considerada um método que utiliza um enfoque de tipo sociológico em pesquisa histórica, buscando revelar as características comuns (permanentes ou transitórias) de um determinado grupo social em dado período histórico. Tal método iluminará a análise sobre a sociedade estudada, compreendendo que não há um grupo sem o seu contraponto, ou em isolamento. Tal método pode ser associado à análise micro-histórica, possibilitando repensar alguns dos grupos que formavam a sociedade de Palmeira no período.

Os conceitos propostos por Norbert Elias (2000) em seu livro *Estabelecidos e Outsiders*, serão centrais em nossa análise. Ao estudar a organização de uma pequena cidade operária da Inglaterra chamada de maneira fictícia de Wiston Parva, Norbert Elias e John L. Scotson acreditam estar diante de um tema humano universal em miniatura. Para os autores, em Wiston Parva ficava clara a separação entre dois grupos distintos, um formado pelas pessoas que residiam na comunidade há mais tempo - famílias tradicionais que já

estavam há aproximadamente três gerações na localidade - e o outro formado por indivíduos recém-chegados. As pessoas que residiam há mais tempo na localidade se achavam superiores aos outros que, para eles, eram “os de fora”. Os *estabelecidos*, ou seja, aqueles que estavam há mais tempo na cidade, se achavam os guardiões do bom gosto, das boas maneiras, seu direito seria baseado em um princípio de antiguidade, em oposição aos *outsiders* ou “os de fora”, os recém-chegados na cidade.

A partir destes conceitos centrais, Elias (2000) irá abordar a rede de interdependência entre esses grupos e as diferentes configurações que se formam entre eles. Para auxiliar na compreensão do conceito de configurações, Elias cita como exemplo as danças de salão, afirmando que diferentes configurações podem ser dançadas por diferentes pessoas, havendo a necessidade de uma pluralidade de indivíduos reciprocamente orientados e dependentes para poder haver a dança. Tais conceitos serão pensados como lentes para orientar a análise que faremos dos diferentes grupos estudados. Em um primeiro momento, *estabelecidos* e *outsiders* seriam antigos e novos moradores da cidade de Palmeira, no entanto essa baila se complexifica ao observarmos diferentes sujeitos e diferentes configurações que se formam.

A partir do conceito de representação coletiva de Roger Chartier, pretendemos pensar como esses sujeitos, percebem-se, pensam e organizam seu mundo:

O trabalho de classificação e de recorte que produz configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais ‘representantes’ (instâncias coletivas ou indivíduos particulares) marcam de modo

visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe. (CHARTIER, 1991)

A partir de tal conceito, podemos compreender que o real seria construído a partir de uma interpretação dessa realidade, construída contraditoriamente, por diferentes grupos, como uma forma de compreender, organizar e de dar sentido ao mundo e ao papel que cada indivíduo exerce nele. O local assumido pelos diferentes grupos não é algo estabelecido previamente, mas sim algo que é construído a partir da vivência e da convivência desses diferentes grupos em uma mesma sociedade, seus papéis não são estáticos, mas fruto de tensões e jogos de poder que ocorrem a todo o momento.

Pretendemos também analisar a questão da identidade e de cultura nacional, para tanto utilizaremos os conceitos de Stuart Hall (2000), pensando na resignificação dada ao “ser brasileiro” a partir da chegada do imigrante e da relação desse recém-chegado com o nacional. Hall em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade* ao questionar se a identidade nacional seria capaz de unificar pessoas não importando quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, afirma que tal ideia está sujeita a dúvida, afirmando que uma cultura nacional nunca foi um simples ponto de lealdade, união e identificação simbólica. Ela é também uma estrutura de poder cultural.

Hall (2000) também irá repensar a concepção de identidade, afirmando ela ser uma celebração móvel, assumindo o sujeito identidades diferentes, em diferentes momentos, identidades estas que não seriam unificadas em torno de um eu coerente. Tal reflexão nos será cara ao repensarmos Basílio de Sá, o autor da carta que será fonte central nesta análise, que ao mencionar o Clube Beneficente, afirma que todos que dele participam são irmãos, no entanto faz uma clara distinção entre “Palmeirenses” – aqueles nascidos em Palmeira – e os “Palmeiristas” – imigrantes

que se estabeleceram na cidade; ao mesmo tempo deixa clara sua oposição àquelas que fazem parte do Grêmio das Magnólias (grupo da elite), ainda que estas sejam palmeirenses como ele. Apesar de se tratar de um sujeito nascido em 1888 e a análise de Hall (2000) se pautar sobre o sujeito pós-moderno, compreendemos - a partir da análise das fontes - que Basílio apresente uma identidade fragmentada, móvel, assumindo identidades diferentes em diferentes momentos, o que justificaria a utilização do conceito e a compreensão de que não se trataria de uma análise anacrônica.

Compreendendo a identidade como formada a partir da relação com o outro e a realidade como algo socialmente construído, refletiremos sobre os processos que levam a construção dessa realidade, levando os sujeitos não apenas a pensarem o mundo de certa forma, mas ao sentirem ele de determinada maneira. Nesta análise Peter Berger e Thomas Luckmann (1978) nos conduzirão através de seu livro *Construção Social da realidade*.

Fontes

Como fonte central utilizaremos uma carta que foi escrita para registrar o momento de criação de uma valsa que se tornou o hino de um clube de operários, nela são registradas as impressões de um momento, momento especial para a história de uma pequena cidade localizada no interior do Paraná, chamada Palmeira. Nessa época (início do século XX) a cidade recebia muitos imigrantes vindos de diferentes países, o que levou a um choque entre diversas visões de mundo, bem como a um rearranjo daquela sociedade. A data em que a carta foi escrita não é apresentada, mas pela forma narrativa, certamente ela foi escrita alguns anos depois do ocorrido. Não é direcionada a nenhuma pessoa em especial, apenas

afirmando o autor escrevê-la para permitir que outras pessoas saibam detalhes sobre o nascimento do hino do clube. Apesar de ser produzida posteriormente, ela apresenta uma leitura de mundo de um personagem que viveu no momento da criação do clube e em momentos posteriores, em que esse já assumira uma posição significativa dentro daquela sociedade.

O referido clube foi fundado no ano de 1910, por um imigrante, sob o título de Sociedade Beneficente Recreativa Palmeirense. Segundo seu estatuto, tinha por finalidade, “socorrer aos seus sócios em caso de moléstia ou morte e promover diversões úteis que estiverem no seu alcance”.

Como podemos observar nas atas do clube, era uma sociedade com número ilimitado de sócios, os quais poderiam ser de qualquer nacionalidade. Sendo quatro as categorias de sócio: Contribuinte, Benemérito, Correspondente e Honorário.

A grande maioria dos sócios residia na cidade de Palmeira, alguns deles moravam nas comunidades próximas ao núcleo urbano, e outros, os quais faziam parte da categoria de sócios correspondentes, residiam em cidades próximas, como Ponta Grossa, Curitiba, Imbituva, São Mateus, entre outras.

Além do clube de operários, outros clubes e agremiações passaram a existir na cidade, como a Sociedade Familiar Palmeirense, com o título de Grêmio das Magnólias, fundada no ano de 1915 por senhoras e senhoritas das elites da cidade. Na ata de Organização Social do Clube, é ressaltado que o primeiro encontro do grupo aconteceu na residência do “Sr. Capitão Modesto Linhares”, e sua esposa, Francisca Linhares, se tornaria a presidente deste clube. Segundo a ata, no dia da posse da diretoria, faziam-se presentes representantes de outros clubes da cidade, como do Humaitá Foot-Bol Club, e do Beneficente Operário, este último representado por Ricardo Cavalcanti de Albuquerque,

esposo da secretária do Grêmio Magnólia.

Como afirma Hobsbawm (2010), há problemas que não podem ser estudados exceto em presença e em função de momentos de erupção, que trazem à luz muita coisa latente, concentrando e ampliando fenômenos. Na referida carta, seu autor, Basílio de Sá Ribeiro, operário e antigo morador da cidade, narra sobre as pessoas com as quais convivia no clube, a presença dos imigrantes, sobre os preparativos para a comemoração da Proclamação da República e em especial sobre um conflito que teria ocorrido entre ele e a presidente do Grêmio das Magnólias.

A carta se divide em duas partes, marcadas pelo próprio autor. Na primeira, ele faz uma narração, em terceira pessoa, passando a ideia de neutralidade, distanciando-se dos acontecimentos, posicionando-se como narrador. Nesse momento são citados os nomes das pessoas que participam do clube, bem como daqueles que faziam parte da banda de música dos “Canelas Brancas” (ou dos alemães), que era tida como coirmã do Clube Beneficente. Também é relatada a organização de um “espetáculo teatral”, que deveria ocorrer em 15 de novembro, para comemorar a Proclamação da República, festa tradicionalmente comemorada na cidade.

No segundo momento da carta, Basílio muda a forma narrativa, e passa a escrever em primeira pessoa. A partir de então o autor conta que enquanto ele e seus colegas de banda e clube organizavam a festa que aconteceria no dia 15, a presidente do Grêmio das Magnólias, teria mandado lhe chamar e pedido para que tocasse no mesmo dia, para uma festa que seria organizada por esse outro clube. A partir desse momento, narra um diálogo conflituoso, afirmando que ele, Basílio, ao se negar em atender ao pedido da presidente, fora muito ofendido, e narrando as palavras da diretora:

(...) você parece se doar tanto por essa gente; pois pode ficar com seus barriqueiros,

sapateiros, carroceiros, e outros de sua laia, não precisamos mais de sua música, mandaremos vir música de Ponta Grossa, e nunca mais vocês põem os pés em nosso Grêmio.

Depois, o autor afirma ter passado horas conversando com seus colegas, e bebendo vermute e como morava em uma comunidade um pouco afastada da cidade, afirma que monta com dificuldade seu cavalo e vai em direção de sua residência. Nesse momento, “cheio de mágoa”, Basílio começa a escrever a música que ficaria conhecida como Hino do Clube Beneficente, a qual foi concluída no outro dia, durante seu trabalho como operário.

Assim, ao apresentar um momento de conflito entre Roselmira Camargo Affonso da Costa, a presidente do Grêmio das Magnólias e Basílio de Sá Ribeiro, membro do Clube Beneficente, esta carta permite acesso a uma rica representação desta sociedade. As relações entre imigrantes e antigos moradores e destes entre si é evidenciada nesta narração, o que é possível observar no trecho a seguir:

Escutem meus amigos, nos remotos tempos de Palmeira a formação de uma sociedade era a coisa mais difícil, criaram sociedades que se quebrou com dinheiro em caixa, isto é, no tempo de Palmeira só de Palmeirenses, mas, logo que a mão da providência enviou para Palmeira os Palmeiristas a coisa foi mudando e já começou a união e assim é que a muito custo pode-se retirar o pessimismo do “não vai”, é como dizem os nossos antepassados. Me refiro neste progresso aos descendentes de europeus que para felicidade de Palmeira foram abordar em nossa terra descendente de alemão, italianos, polacos, russos, que com um bom sentimento se congregaram com os Palmeirenses de boa vontade e conseguiram dar exemplo que até então era desconhecido, em Palmeira, a União faz a Força. Nesses princípios foi que o benemérito Palmeirista Paulo Krambek baseou-se e conseguiu com sua vontade e amor reunir um pugilo de Palmeirenses e fundou a Sociedade Operária Beneficente, a ele devemos esse grande empreendimento só a ele devemos essa união que hoje contamos com orgulho, eu como um Palmeirense de raça

orgulho-me de apertar a mão de Paulo Krambek, porque reconheço um verdadeiro brasileiro pelo bem que fez a minha terra.

As atas de fundação da Sociedade Beneficente Recreativa Palmeirense e do Grêmio Magnólias: Sociedade Familiar Feminina Palmeirense, serão utilizadas, ambas disponíveis em um livro de memórias organizado por Teresa W. Mayer, professora da cidade de Palmeira. Além das atas, este livro reúne um grande número de transcrições de documentos relacionados aos mais diversos temas da cidade de Palmeira, inclusive da carta acima mencionada.

A Sociedade Beneficente Recreativa Palmeirense ainda está ativa na mesma sede de sua fundação, e permite o acesso a todos os seus arquivos, possuindo todas as atas, bem como registros de sócios, diversos documentos e fotografias. A Sociedade Familiar Palmeirense: Grêmio das Magnólias foi anexada ao clube Palmeirense ainda no ano de 1919, permanecendo ativa - enquanto ala feminina do mesmo - até recentemente. O Clube Palmeirense tem sua fundação em 1916, e é apresentado como um clube das elites locais. O mesmo ainda está ativo, possuindo atas e diversos documentos que podem ser consultados.

Outros livros de memória de publicação regional também serão utilizados, entre eles o livro *Reminiscências e Tradições*, de Astrogildo de Freitas (1984). Livro que apresenta dados sobre o início da cidade de Palmeira, bem como sobre a formação de algumas das colônias de imigrantes dessa cidade, apresentando a transcrição de suas fontes: petições, cartas e informações sobre imigrantes que na cidade se instalaram. Como podemos observar no trecho a seguir, retirado de uma petição feita em 1873 pela Câmara Municipal da Vila de Palmeira aos “poderes centrais do Império”:

Senhor! Perante V. M. Imperial vem a Camara Municipal desta Villa da Palmeira, Provincia

do Paraná, cumprindo um imperioso dever, vem representar sobre as vantagens que co-lheria este Município com o estabelecimento de uma colônia agrícola fundada pelo Governo Imperial, ou, ao menos, com a concentração nesta localidade de um grande número de famílias de emigrantes europeus, em virtude das admiráveis proporções que oferece o mesmo município à prosperidade dos colonos que aqui se estabelecerem. (Freitas, 1984)

Observações feitas por Heitor Stockler (1972), no livro *Palmeira: Temas regionais*, nos serão bastante caras, como podemos perceber no trecho a seguir que trata sobre o aniversário de 50 anos do clube palmeirense. Podemos observar que o autor adota a estratégia do “apagamento” da memória do clube operário, pois como pode ser observado, o clube de operários já possuía seis anos na data de fundação do Clube Palmeirense:

Em Palmeira, (...), manifestação de alta categoria, não tinha oportunidade, visto que nem clubes havia, apenas saraus dançantes eram realizados.
(...)

E foi a fundação do Clube Palmeirense, iniciativa extraordinária para a época que, de fato, a sociedade local reafirmou sua vivência, aproximando-se mais da moda, pondo-se em dia com as danças modernas, enfim, firmando-se no conceito associativo de outras cidades em evidência. (Stockler, 1972)

Esse mesmo autor ao comentar sobre o clube Beneficente em seu aniversário de vinte e cinco anos fala sobre o clube enquanto “povo”, pensando-os enquanto uma massa que toma consciência; embora suas palavras fossem elogiosas, transparece a ideia de massa. Ao citar o nome dos três principais idealizadores, afirma que eles foram responsáveis pela iniciativa de organizar esse povo, e afirma:

O povo, consciente de seus direitos e deveres dentro de uma pátria, equivale à própria pátria. Dê instrução ao povo, faça esse povo compreender que deve se instruir, que deve criar e que deve congregar-se em torno de ideais. (Stockler, 1972)

O livro do Memorialista Luiz Gastão Gummy (2008) também apresenta uma grande quantidade de transcrições, como a apresentada a seguir, que ao falar sobre um ervaiteiro da região de Palmeira, corrobora com a representação sobre o imigrante feita por Basílio de Sá Ribeiro (autor da carta). O texto compilado de um almanaque do Paraná tem publicação contemporânea à formação do Clube Beneficente, no qual é afirmado que:

O Sr. Henrique Stadler, Alemão, veio para o Brasil, estabelecendo-se no Paraná em 1879, onde constituiu família, tornando-se, com o seu trabalho inteligente e fecundo, proprietário de terras com pinhaes e hervaes de ótima qualidade, e importante negociante.
(...)

Apesar de estrangeiro, o Sr. Henrique Stadler, é um grande propugnador do progresso no Paraná (Gummy, 2008).

Arthur Orlando Klas (2000), em um jornal de circulação local (*Gazeta de Palmeira*), publicou uma coluna sobre a história de Palmeira, contemplando os mais diversos temas. Baseado em entrevistas e fotografias antigas, Arthur Orlando nos permite acesso a diversas histórias do cotidiano da cidade, das mais antigas às atuais. Posteriormente todas essas publicações foram reunidas em dois volumes intitulados: *Recordar é Viver: Fragmentos da História de Palmeira*.

Os arquivos da igreja local também serão consultados, em especial registros de casamentos e batizados, com o objetivo de observar a troca de favores e a “baila” existente entre os grupos conflitantes, a adoção de padrinhos de diferentes grupos e a existência de casamentos entre eles.

Historiadores como Marcin Kula (1990), Giralda Seyferth (1990), Maria Luiza Andrezza (1999), entre outras fontes bibliográficas, nos auxiliarão na construção de um panorama geral sobre o contexto imigração. Tais obras permitirão a realização de um jogo de escalas entre o geral e o micro, destacando

a relevância deste trabalho para auxiliar em uma compreensão mais profunda da reconfiguração cultural e social ocorrida a partir da chegada do imigrante.

Após a análise e confronto das diferentes fontes, acreditamos ser possível construir um panorama geral sobre as relações de poder, sobre o perfil dos diferentes grupos existentes na cidade, bem como o “lugar” ocupado por cada um deles em sua constante “baila” e ressignificação.

REFERÊNCIAS:

- ANDREZZA, Maria Luiza. **O Paraíso das Delícias**: um estudo da imigração Ucraniana. Curitiba. Aos Quatro Ventos, 1999.
- BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas: **A Construção Social da Realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.
- CHARTIER, Roger. O Mundo Como Representação. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 5, n. 11, 1991.
- ELIAS, Norbert. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FREITAS, Astrogildo. **Palmeira. Reminiscências e Tradições**. Lítero-Técnica, Curitiba, 1984.
- GUMY, Luiz Gastão. **Visões do Passado**. Palmeira, 2008.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo, SP: Cia. Das letras, 1986
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HEINZ, Flávio M. (Org.) **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Cia das Letras, 2010.
- KLAS, Arthur Orlando. **Recordar é Viver**: Fragmentos da História de Palmeira. Palmeira: 2000. Vol. 1; 2.
- KULA, Marcin. Por que os imigrantes Poloneses não se tornaram operários em São Paulo. In: Delroio, José Luiz. **Trabalhadores do Brasil**. São Paulo: Ícone, 1990.
- LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- LOPES, José Carlos Veiga. **Raízes de Palmeira**. Cidade Clima. Palmeira, 2000.
- REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas**. A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**. Universidade de Brasília. Brasília, 1990.
- STOCKLER, Heitor. **Palmeira: Temas Regionais**. Palmeira: O Formigueiro, 1972.
- WANSOVICZ, Tereza. **Memórias de Palmeira**. Prefeitura Municipal de Palmeira. Departamento de Educação: 1992. v. 1, n. 2.